

A COMUNA

SEMÁRIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV — SÉRIE II

PREÇO #20 — AFRICA #25 — ESTRANGEIRO #40

N.º 39 (129) — 9-12-923

Redactor principal:
António Teixeira
Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131 — PORTO
CORR.: APARTADO 17 — PORTO

Administrador:
José Rodrigues Reboredo
Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

O CONGRESSO DE BOURGES

Quáse ao mesmo tempo que a maioria do partido comunista norueguês se liberta, pela resolução do seu último congresso extraordinário, das caserneiricas ordens de Moscóvia — não aceitando tudo quanto a Internacional Comunista lhe queria impingir — a maioria da C. G. T. Unitária, desviando-a do trilho em que a princípio carrilára, entrega-a, atada de pés e mãos, ao poder ditatorial da Internacional Sindical Vermelha, após os tagatés dirigidos à Internacional Comunista...

Fenomenal contraste: enquanto os próprios comunistas noruegueses se insurreccionam, na presença do representante do Executivo de Moscóvia, contra os seus lenínicos generais, reagindo contra a sua excessiva onipotência, ditadura e má vontade manifestada à liberdade de pensamento — os cêgê-tistas unitários de França humilham-se e submetem-se, por decisão *Monmoussista* do seu recente congresso de Bourges, ao despotismo espiritual da Roma vermelha...

¿Poderão, certamente, dizer que os comunistas noruegueses, com o seu acto de rebeldia, com a sua revolta contra a demasiada imposição do Kremlin, se tornaram contrarrevolucionários e indiferentes à revolução alemã — visto ser este o *bólo* nacional e internacional com que se quer enganar os meninos inocentes e atacar os que não lêem pela cartilha moscovitária?

Talvez...

Talvez também se esforçarão por nos garantir que a C. G. T. Unitária, com a sua *adesão incondicional* à I. S. V., nem perdeu o seu espírito de independência, de autonomia, nem tam pouco ficou enfeudada à Internacional Comunista e, con-

seqüentemente, ao partido comunista francês...

Quem fôr nimamente ingénuo, assim o pode acreditar. Nós, perspicazes observadores do camaleonismo que nos últimos tempos se tem operado; espectadores atenciosos das especulações confusionistas que tem surgido à luz das gambiarras do intrugismo organizado — é que não vamos nessa...

No congresso de Bourges — para não estarmos agora a compilar outros argumentos — a maioria dos delegados, pela boca habilidosa do seu mais categorizado *leader*, «reconheceu» que os sindicatos russos só fôram estabelecidos pelo partido comunista depois da Revolução; que a I. S. V. só foi criada depois e pela I. C... em consequência de ser preciso conjugar, não só os sindicatos russos posteriores à Revolução, mas a organização operária dos outros países que já existia...

E' verdade que houve contra-dição...

Lecoin lembrou a passagem do manifesto de Losowsky, na qual afirmára ter sido feita a revolução de Outubro pelos sindicatos, pelos soviets e pelo partido Comunista.

O *leader* da maioria confederal achou esta resposta: sim, os sindicatos foram-se desenvolvendo paralelamente à revolução — o que, trocado em miúdos, quer significar que já no tempo de Kerensky existiam sindicatos, os quais *contribuíram* para que a revolução fôsse escamoteada pelo partido comunista russo...

Apenas o orientador da maioria confederal, para fazer crêr que na Rússia não há anarquistas nem outros revolucionários que poderosamente impulsio-naram a revolução e a instituição dos sindicatos, atribui tóda a obra aos comunistas...

Tanto melhor um pouco, por-

que assim mais habilitados estamos a continuar a afirmar que a I. S. V. é a I. C., e vice-versa, estando intimamente ligadas, profundamente identificadas. Uma adesão *condicional* à I. S. V. já é um êrro; mas uma adesão *incondicional* é um atentado formidável que deixa a sangrar a antiga característica do sindicalismo revolucionário...

Em honra dêsse atentado vibrado, é que a maioria confederal do congresso de Bourges fez, pela voz do seu chefe, a franca apologia da Internacional Comunista, dos Partidos Comunistas alemão e francês de preferência e do govêrno de Lénine — e, portanto, com êle, tódas as perseguições movidas aos anarquistas, aos sindicalistas não bolxevistas e aos próprios comunistas que, como os seus camaradas noruegueses da maioria, não aprovam os excessos da tirania dos homens do Kremlin...

A tudo isto dá-se-lhe o pimpónáceo nome de — *ligação moral na propagauda e na acção*...

* * *

¿Mas a maioria confederal — perguntarão os nossos moscovitários — não terá o direito de se deixar insuflar, colocando-se ao seu lado, pela Internacional Comunista e pelo partido comunista, os quais criam e controlam as suas comissões sindicais que vão exercer tóda a sua influência no interior dos sindicatos?

Sem dúvida...

Bucarine pode ordenar que o partido comunista intervenha na luta sindical; Zinovieff pode impôr-lhe a obrigação de exercer tóda a sua influência. A maioria confederal pode, como pôde, admitir tudo isso.

Mas também Besnard pode ter razão em afirmar que o *sindicalismo francês* perdeu o seu *caracter específico* desde que a sua *autonomia* deixou de ser *respeitada*, desde que *saiu do seu quadro original* para se *integrar num outro que não é o seu, mas da Internacional e do*

partido comunistas. A abdicação a que o forçaram dar-lhe-há uma morte certa — poderá agora dizer com mais propriedade como Le Pen...

Lafforgue poderá ter razão em asseverar que a C. G. T. U. *lhe partiram os braços e as pernas, matando-a; e Matton em considerar que, em face do sucedido, já se entrou no cortejo fúnebre de onde tóda a gente se evadirá antes de haver chegado ao cemitério*...

Que, afinal, talvez não tenham razão. O sindicalismo revolucionário antes da guerra era a-político, a-religioso, a-parlamentar, anti-autoritário, anti-estatal e acolaboracionista... Para se voltar de novo a esta concepção e a esta táctica, da qual se desviou a velha C. G. T., foi que se constituiu, em França, a C. G. T. U.

Este organismo, porém, buzinando o *sindicalismo prático*, lança-se nos braços dos princípios políticos, estatáis e autoritários. Não foi o Sindicalismo revolucionário antigo que morreu; foi a C. G. T. Unitária, empurrada pela maioria, que desertou, abandonando-o...

De harmonia com essa deserção, e com o parecer de homens como Sémard e Monmousseau, tódas as seitas políticas, religiosas ou filosóficas tem o direito de organizar as suas comissões sindicais dirigidas por ordens exteriores, bem como os sindicatos o direito de defender os seus ideais.

Dantes não era bem assim... Ora a isto chama-se entrar na prática e para ela reclama-se a unidade. Ora isto é uma lição, que nós temos a aproveitar...

Em Portugal, mercê dum *mot d'ordre* idêntico vindo de fóra, igualmente se constituíram comissões sindicais controladas pelo partido comunista — os *nucleozitos dernier cri*. Se uns e outros, felizmente, não valem, por enquanto, dez reis, ¿não nos estão, todavia, a aconselhar que devemos constituir-nos em grupos dentro dos sindicatos e desassombadamente defendermos os nossos princípios liber-

tários, esforçando-nos por que a organização operária seja uma autêntica organização anarquista?

São os exemplos que nos dizem, são as lições da C. G. T. U. que nos apontam, são os próprios comunistas que nos ensinam...

Mas, por *deus*, o perigo não há-de ser assim muito grande... que nos leve ao inferno moscovitário... Estamos crentes disso...

Apontamentos...

Desde que um bando de aventureiros, elaborando um sistema de sociedade a seu modo e para seu uso exclusivo, se permitiu o desplane de governar os homens, ainda não houve nenhum agregado ministerial, saído das mais estapafúrdias clientelas políticas, que não procurasse notabilizar-se para deixar o seu nome *vinculado* nas páginas imorredoiras da história.

É certo, duma certeza que não admite dúvidas, que a notabilização dum governo não é, em nenhum dos casos, um produto dos esforços da inteligência ou do génio, baseados na figura austera da Liberdade e da Felicidade comum; quando muito, essa notabilização não é mais do que a notabilização da audácia, da tirania e da arbitrariedade impostas pela força das armas à covardia colectiva do maior número. Assim foi no passado, e assim é no presente.

Governos inteligentes, governos de génio, nunca houve, nem nunca haverá: governar não significa possuir talento, nem aspirações de liberdade—governar significa arrancar, do fôlmo, o coração, para o substituir pelo instinto tigrino da besta. E como a besta não raciocina, não pensa, não atende, desprende-se de aí que o móbil principal dos governos, de todos os governos, é elevar, ao máximo, a sua despótica autoridade, para poderem espoliar os seus súbditos e esbanjar, à larga, os dinheiros que, caricatamente, se chamam *dinheiros públicos*.

Destarte, o que sempre houve, e o que sempre poderá haver, é governos habilidosos, hipócritas, tirânicos, opressores, bolxevistas—governos que levem tudo na ponta

das espadas, governos que nos obriguem a pensar pela mesma bitóla, governos que nos roubem, governos que nos cerceiem as liberdades e as regalias conquistadas, governos que nos vexem... Vem isto a propósito das *loas* e das *cantatas* de certos periódicos affectos à actual situação política. Logo que se tornaram conhecidas do público as famosas propostas de finanças do governo «nacionalista», um *côro* de aplausos atrou os ares, como se, naqueles papeluchos, estivesse a resolução do X do problema que nos affixia! É uma das coisas que mais caiu no gôto dos alviçareiros a *tenir*, foi aquela proposta que vem tributar as portas e as janelas dos prédios, mas cujo imposto tem de ser pago pelos inquilinos.

Da maneira como a vida está cara, aquela proposta—como outras que a acompanham—é simplesmente revoltante. Os inquilinos, que tem sido vítimas de todas as prepotências dos senhorios—e tem sido vítimas porque, num esforço comum, ainda não quiseram atirar com a albarda ao ar—hão-de ser, agora, vítimas da argúcia do sr. Cunha Leal. É demais!

Politicamente falando, os pobres não tem culpa nenhuma do estado caótico a que chegaram as finanças portuguesas. Não foram eles que deram cabo dos dinheiros. Não foram eles que o gastaram em passeatas e jantarelas. E, todavia, são eles que, com o seu esforço produtivo, com o seu trabalho, tem de pagar as favas. É admittível este procedimento? Não, com todos os diabos!

Pois bem! Toca a preparar as armas para impedirmos qualquer extorsão, qualquer roubo por mais bem mascarado que no-lo apresentem. Se fôr preciso descer à praça, desça-se. Lutar, é viver—dizem todos os cartapácios de filosofia. E se o governo passar à história como um «governo de portas»... e janelas—e, com elle, todos os governos, só advirá, desse gesto, um bem inestimável para toda a humanidade...

PEDRO GUIMARÃES.

Se és amigo de A COMUNA arranja-lhe um novo assinante.

Os sindicalistas alemães e o movimento separatista

No dia 11 do mês findo realizou-se em Düsseldorf uma conferência dos organismos sindicalistas da Renânia, sendo aprovada a seguinte moção de ordem:

«Os Sindicalistas são adversários de todo o Estado, porque vêem nele uma instituição destinada a oprimir as massas exploradas;

«Os Sindicalistas combatem todos os governos visto que eles não são senão um instrumento do poder estatal.

«E, sabendo-se que, nas condições actuais, a unidade do Estado Alemão não é mais do que a unidade dos diferentes governos sob a suzerania do governo do Reich, os Sindicalistas recusam-se a reconhecer esta unidade, e declaram que as riquezas naturais e sociais, bem como a prosperidade dum povo, podem também ser conservadas e desenvolvidas sem auxílio de governos. E, mais ainda: é somente sem a dependência do governo que essas riquezas e essa prosperidade poderão atingir os seus pontos culminantes exigidos pela civilização moderna.

«Os esforços dos separatistas renanos tendem à proclamação duma república renana, isto é: os separatistas renanos procuram estabelecer um novo governo que, infalivelmente, terá as mesmas funções de todos os governos—oprimir as massas exploradas e entrar a verdadeira luta emancipadora do proletariado por meio da reacção estatal.

«Graças à sua psicologia antiestatal, os Sindicalistas declaram-se, sob o ponto-de-vista político, adversários do movimento separatista renano; e fazem esta declaração porque, passando deste terreno para o terreno económico, estão plenamente convencidos de que este movimento beneficia apenas os interesses opressores do Capitalismo.

«O estabelecimento duma república renana é favorecido pelo capitalismo francês e apoiado pelo seu lacão-mór—o militarismo—; e a prova, é que os círculos capitalistas da França esperam, por este meio, estabelecer a sua hegemonia económica sobre o continente europeu. Independente disso, os capitalistas alemães vêem o seu poderio autocrático ameaçado, e

apoiam, por conseguinte, o movimento nacionalista em prol da unidade alemã. E é deste modo que a população da Renânia e da Westphália se torna em um j guête nas mãos destas duas claques: dum lado, o Capitalismo e o Imperialismo alemães; e, do outro, a França.

«Os Sindicalistas recusam-se a auxillar uns ou outros. Apreciando, na sua justa proporção repulsiva, os métodos tirânicos e desavergonhados do governo germano-prusso-reaccionário, bem como a inactividade e a política nacionalista dos sindicatos reformistas e dos partidos políticos, consideram toda a participação do movimento separatista como uma traição aos princípios do sindicalismo revolucionário.

«Toda a organização sindicalista que tolere, no seu seio, membros solidários com o movimento separatista, não pode contar com a solidariedade da F. A. U. D.

«A Conferência declara que o estabelecimento duma República renana, dentro ou fora do Reich, não tem nada de comum com o verdadeiro federalismo de organizações livres, visto que o novo governo dessa república constituirá um centralismo burocrático exactamente igual ao centralismo dos outros governos.

«Adversários do militarismo, os Sindicalistas regeitam a organização dum exército renano de defesa, porque vêem nisso um embrião dum novo militarismo.

«Se os separatistas renanos chegam a ver realizados os seus fins, os Sindicalistas continuarão, no novo Estado, a sua luta em defesa da igualdade social e da liberdade política, empregando os métodos de acção directa. E, de mãos dadas com o proletariado de todos os países, participarão da grande luta libertadora, impedindo-a até ao dia em que desapareçam todas as fronteiras, se esmaguem todos os Estados e se destrua o capitalismo internacional.

«Enviando as suas saudações fraternais ao proletariado mundial, a conferência exprime-lhe assim o seu ardente desejo: *Fiel às tradições da Primeira Internacional, o proletariado deve empregar a sua energia no sentido de abolir toda a escravidão, estabelecendo sobre a Terra, o comunismo livre e antiestatal.*

Confusionistas

Para evitar que as diatribes dos camaradas António de Carvalho, do S. U. do Vestuário do Pôrto, e de José Silva, do N. S. R. da mesma cidade, expandidas no órgão dos partidários da I. S. V. consigam produzir no espírito dos trabalhadores incultos, os efeitos deletérios e confusionistas que tem em vista, impõe-se-me o respeito pela Verdade, de apreciar uns artigos, com que os seus autores pretendem ferir-me.

De facto: eu supus, ao ser incumbido pelo meu Sindicato de o representar na sessão solene do S. U. do Vestuário, que iria assistir a uma sessão de propaganda sindical, a propósito do seu aniversário, como de resto sucede em todos os organismos operários.

Porém tal não se verificou, porque A. de Carvalho abusando da sua situação de filiado na referida organização, e quando discursava, atacou, por uma forma violenta e insolente a Associação Internacional dos Trabalhadores, fazendo uma rasgada apologia da Internacional sua predilecta, a I. S. V.

Sentindo atacados os princípios defendidos pelo meu Sindicato — pois que é aderente à Internacional de Berlim — e que tinha sido fraternalmente convidado, para uma comemoração solene, a qual deveria ser alheia a princípios políticos e filosóficos — dada a circunstância ainda em seu refôrço, de que para a mesma sessão tinham sido convidados organismos com tendências deferentes às do organismo em festa, imediatamente me dirigi à meza declarando que me retirava; visto ter sido deturpado o significado da sessão, na qual se pretendia defender princípios desde há muito pôstos de parte por não corresponderem aos modernos métodos da verdadeira luta de classes e ao mesmo tempo ferindo os princípios de quem quer que seja... porque acima dos princípios, está a Humanidade... contanto que lhe reconheçam o direito de defender a ourance os princípios preconizados pela sua I. S. V.

Aonde esta *silva brava* mais me deixa espantado, é da sua demonstração de sincero apóstolo, pois que irá por essas terras além, por toda a parte enfim... apregoar os elixires do papado Vermelho... mas não à custa da organização, ao contrário do que tem feito os falsos apóstolos, que não se me-

dindo com a sinceridade e a bolsa de tam exquisito propagandista, continuarão propagando o Ideal da Emancipação, preconizado pela verdadeiro Sindicalismo Revolucionário, á custa da organização.

Que grandes gajos!

Sim, o camarada *Silva Brava*, dá a perceber no arauto dos partidários da I. S. V. que só se tem feito propaganda à custa da organização!

E' espantoso!

E eu a julgar que só a policia e os capitalistas é que estavam senhores deste segredo!

Quanto ao resto, os partidários da I. S. V. confiem na tesura de tam *bravo* militante cuja voz jamais se calará, embora os seus adversários se sirvam dos mais vis processos.

Grande valente! Paf...

SAUL DE SOUSA.

leiam, propaguem:

O sentido em que somos anarquistas

por Miguel Bacunine — \$30

A Peste Religiosa

por João Most — \$40

A LIBERDADE

por Bernardo Lasare — \$50

Descontos aos revendedores e Grupos de Propaganda. — Pedidos à A COMUNA, ou à A SEMEITEIRA, Cais do Sodré, 88 — Lisboa.

Grupó Anarquista

«Os Ilegais»

Constituiu-se nesta cidade um grupo destinado a propagandar o ideal anarquista, adoptando todos os meios ao seu alcance para despertar nas consciências dos oprimidos aquele ideal de libertação humana, o único que inofismavelmente conduz a uma sociedade baseada na mais ampla solidariedade humana.

Na proxima reunião será resolvido a sua adesão à U. A. P., bem como outros assuntos atinentes a estabelecer um plano de propaganda nos meios operários e populações dos arrabaldes.

PRÓ-PRESOS

por QUESTÕES SOCIÁIS

Transporte. . . 555\$13
Mina de S. Domingos:
V. A. João . . . 1\$00
A transportar. . . 556\$12

Conferência

A convite da União dos Sindicatos Operários do Pôrto, realizou no pretérito sábado, na sede do Centro Comunista Libertário, uma conferência, o camarada Silva Campos, secretário geral da C. G. T. Portuguesa.

O pouco conhecimento que contava este camarada no Pôrto, bem como o tema sugestivo da sua preleção «Frente única dos trabalhadores» atraíu à sala do Centro C. Libertário, inúmeros militantes operários ávidos de escutarem as palavras do conferente.

Seriam 9 1/2 horas quando Santos Vizeu em nome da U. S. O. deu início à conferência convidando a presidir Serafim C. Lucêna, o qual teve como secretários Mário Ferreira e Saul de Souza.

Lucêna expoz à assembleia a necessidade que há de se darem sessões desta natureza e que permitiriam fazer suficiente luz sobre o confusionismo que se manifesta.

Depois de várias considerações deu a palavra a Silva Campos.

Este começa por dizer sentir-se satisfeito no meio dos militantes do Pôrto e no meio dos quais encontra alguns com mais competência do que a que possui para tratar do assunto a que vai fazer referência.

Historia depois várias fases das lutas entre os povos antigos, applicando-as como lições à época actual, etc.

Apresenta como resumo da sua conferência o dividir-se a questão social em dois campos: o económico e o ideológico.

Sobre o primeiro julga desnecessário o pretender-se a realização da «frente única» porquanto o sindicalismo baseando-se na luta de classes, tem-na efectivado. O sindicato é bem um baluarte onde todos os critérios são admissíveis para combater o inimigo comum: o capitalismo.

Sobre o segundo, ou seja o campo ideológico, diz ser impossível uma unidade de frente devido à diversidade de processos de luta e devido também à transigência que era preciso dar-se, a qual sendo contrariada pelos adeptos das várias correntes teria resultados bem desagradáveis.

Após a sua palestra e como o presidente assim o entendesse, houve réplica por alguns dos assistentes, aos quais Silva Campos treplicou.

Por fim Lucêna novamente fez uso da palavra congratulan-

do-se com o respeito e harmonia que sempre reinou no decurso desta sessão.

E assim findou esta bela «soirée» de propaganda a qual deixou bem impressionados todos quantos a ela assistiram.

DO QUE SE SABE

O "ESTOFO" REVOLUCIONÁRIO COMUNISTA

Esta noticia já é de nós conhecida há algumas semanas, mas só agora nos é dado fazê-la conhecer dos nossos leitores.

«O segundo congresso anual da Liga dos Jovens Comunistas da Inglaterra, realizar-se há na Igreja Brotherhood, em Southgate road, em Londres, hoje e amanhã. Assistirão 40 delegados, assim como delegados fraternais do Partido Comunista, do Comité Nacional do Movimento dos Operários Desempregados e da Internacional Sindical Vermelha.»

A noticia refere-se aos dias 27 e 28 de Outubro e foi traduzida dum insuspeito jornal inglês.

Sem podermos afirmar que os comunistas foram perante o altar e o deus dos protestantes jurar a sua fé revolucionária, seria curioso saber se elles se limitariam a essa jura com fé, ou se também se atreveram a pedir a deus e aos santos para que lhes conservem todas estas ignorâncias, injustiças e desigualdades de que se mantem todos os governos, embora para outros verem elles pretendam passar como os únicos revolucionários de métodos eficazes para virar isto do avesso.

... Quando é que os comunistas portugueses vão também para a igreja, jurar a sua fé e proclamar-se revolucionários perante o altar e perante deus? Era ocasião de serem coerentes mais uma vez com os seus camaradas dalém fronteiras, de quem recebem ordens e inspiração.

M. H.

Conseguir um novo assinante para A COMUNA, é apressar a queda da tirania que nos oprime.

Uma história como muitas

Antônio era um modesto trabalhador metalúrgico. Orfão aos 15 anos, entrou muito cedo na escola da vida e ali aprendeu a vencer os obstáculos, a sofrer as privações e a conjurar os perigos que se antepõem sempre na frente dos que a fortuna não bafejou. De maneira que, aos 21 anos, ele vivia, desculpado, a vida nômada dos que não têm família.

Porém, um dia, uma constipação mais forte provocou-lhe uma tosse tão violenta que ele sentia-se enfraquecer dia a dia e já mal podia manejar a lma.

Oh! mais ele não podia perder um dia de trabalho porque a minguada fêria mal lhe chegava para as mais ingentes despesas. E, depois, uma constipação é uma futilidade tão insignificante que os operários não têm tempo de se preocupar com ela. Umas curam as outras...

Seguindo o curso do seu raciocínio ele reagia, não reparando sequer que, por vezes, a sua expectoração era acompanhada de pequenos laivos de sangue.

E o seu labor não foi interrompido.

A sua vida não sofreu alteração. E' certo que sentia às vezes, umas dores no peito e uma tossezinha um tanto incomodativa; mas isso não o assustava grandemente: devia ser do trabalho excessivo.

Antônio namoriscava uma rapariga; e sentindo-se atraído pelo amor, resolveu casar.

A princípio tudo correu bem. A fêria de Antônio, que dantes mal chegava para si, dava agora melhor para ambos em virtude dos conhecimentos de Maria sobre economia caseira — única ciência que lhe haviam ensinado; mas volvidos poucos meses, Antônio começou a sentir-se tão mal que um dia resolveu ir ao médico.

E, de volta, dizia para a companheira entre irônico e pesaroso:

—Decidamente, o doutor estava doido. Calcula que me disse que eu devia retirar imediatamente daquíl Supôs, naturalmente, que eu era capitulista.

E continuou a trabalhar; mas, agora, irregularmente pois as suas depauperadas forças não lhe permitiam dispendêr o esforço duma semana inteira.

Entretanto a sua ruína fisiológica ia-se acentuando visivelmente: a expectoração era quase sempre, sanguínea; a tosse abalava lhe todo o organismo e parecia querer sufocá-lo; as dores no peito e nas costas aumentavam gradualmente; enfim, a tuberculose ia, livremente, corroendoaqueleorganismo.

Até que um dia, quando Antônio saia de casa para se arrastar até à oficina uma verti-

gem prostou-o e golfadas de sangue lhe brotaram da boca.

Transportado à cama, dentro em pouco a transformava em leito mortuário.

Só então parou o seu labor.

Morreu passados oito dias; e, no estertor da agonia, dizia ainda para a companheira:

—«O doutor tinha razão, tinha... Eu é que não tinha dinheiro»...

LUIZ DE CARVALHO.

Datas Históricas

o propósito do 1.º de Dezembro

E' um facto averiguado que as comemorações festivas — as datas históricas — faliram neste país.

E perguntam: ¿Esta falência será motivada pela propaganda que os internacionalistas têm feito no decorrer dos tempos?

Direi que sim, em parte; mas se aprofundarmos as razões, determinantes, chegaremos a esta conclusão: as datas históricas em Portugal, não têm sido, nem jamais serão, correspondidas pelo povo. Primeiro porque muitas delas perderam a sua oportunidade; e, segundo, porque, pelo descrédito a que os políticos têm levado a actual sociedade, elas já não valem nada.

¿Ou eles julgam que o povo, o eterno sofredor dos seus êrros e crimes, não tem bem patente, apesar de estúpido, os escândalos, os roubos, as falsificações, as negociatas e passeatas — um corolário infundável de monstruosidades em holocausto à sua barriga e sempre em nome da... Pátria?...

O povo tem o dever de apreciar as perseguições e encarceramentos dos militantes operários, únicos defensores dos seus interesses e da santa causa da liberdade; e, assim já vai compreendendo as pretensões vividas dos inimigos das organizações sindicais e ideológicas, os quais procuram esfrangalhá-las, para, por êste meio, o privar da educação profissional e revolucionária.

Porisso, os únicos propagandistas da falência verificada, são, sem dúvida, os próprios burgueses.

Escusado será teimar; os factos são a lição mais eloquente e demonstrativa de que a ideia enganosa de pátria, faliu extrosadamente.

JÚLIO DE CAMPOS.

COMO NÃO SER ANARQUISTA?

Preço \$20; pelo correio \$30.

Em favor de "A COMUNA,"

Audindo ao apêlo que temos feito nestas columnas — apêlo no sentido de se extinguir o deficit do jornal — recebemos na semana finda mais um cheque da importância de 15 dólares, produto duma subscrição tirada em Fall River Mass, pelo nosso incansável camarada José Martins Júnior.

É deveras animador o procedimento dos amigos de A COMUNA que se encontram na América. Quando a sua vida periga, por falta dos recursos materiais, eles, num gesto que muito os nobilita, procuram imediatamente a maneira mais prática de lhe acudir, tirando-a dos eternos embaraços financeiros.

E, na verdade, os embaraços financeiros são o grande ponto negro dos jornais que não se vendem, nem estão eufudados a nenhuma empresa capitalista. O papel, a manufactura, enfim, tôdas as coisas necessárias para pôr um jornal na rua, estão pela hora da morte. De modo que se não houver dedicações, se não houver quem trabalhe pela causa que êsse jornal defende, êle jamais poderá cumprir a sua missão.

Os camaradas a que nos referimos, têm sido, pois, dignos de nota. Sucessivamente, como temos demonstrado, êles têm vindo em auxílio do jornal, porque entendem que êle não deve desaparecer, especialmente nesta hora em que é tam preciso.

Agradecendo-lhe, pois, os seus esforços e a sua dedicação, apontamos o seu proceder a todos os camaradas da metrópole, na certeza de que, caso não possam contribuir com qualquer quantia, nos arranquem pelo menos alguns assinantes. Assim, dividido por todos o trabalho, poderemos levar de vencida os inúmeros obstáculos que se nos antolham.

Segue a lista de subscrição:

José Martins Júnior.	3.00
Augusto Pires.	2.00
Manuel António S.	2.00
M. Z. Alves.	1.00
L. S.	1.00
Manuel Moniz Luz	1.00
José Andrade	1.00
Alfredo Campos	1.00
Carlos Silva	1.00
Reinaldo Martins.	1.00
José Rufino.	0.50
José Mota	0.50

Soma. 15.00

Repetindo: a todos os que nos auxiliam na nossa obra de educação e de redenção social, os nossos agradecimentos mais sinceros.

O grupo editor de A COMUNA.